

## O USO DA PARÓDIA NA PRODUÇÃO DE SENTIDOS EM “GREVE DOS LADRÕES” DO PROGRAMA PÂNICO NA TV

Raquel de Freitas ARCINE<sup>1</sup>

**ABSTRACT:** *The two main concerns that have guided this work were how to identify in a text implicit signs of other(s) text(s) and what effects, in terms of meaning, one intends to achieve through the implicit presence of other text(s). For the purpose of answering these questions, we have chosen a sketch of the TV programme ‘Pânico na TV’ transmitted by Rede TV in which one intends to build meanings for a certain strike of thieves. The referred corpus is a parody of the syndicate strikes, as well as the intertextuality between this and other texts. To confirm the existence of theories we have used a video of the strike of security guards that occurred in Curitiba(PR). The concept of parody in this television sketch and, in order to build meanings, there is an inverted panorama of the strike, which is changed into something comic in the television programme.*

**KEY WORDS:** *parody; intertextuality; television; strikes.*

### 1. INTRODUÇÃO

As grandes emissoras de televisão no Brasil já possuem uma característica importante no cenário televisivo: a audiência. Através do Ibope sabemos qual canal de televisão a população vem assistindo com maior frequência. Enquanto isso, as pequenas emissoras buscam criatividade e, juntamente com essa qualidade, o humor, pois dessa forma será possível chamar a atenção da população e gerar o aumento da audiência. Pensando nisso, observamos constantemente os programas de televisão utilizando de mecanismos linguísticos para criar seus quadros de maior audiência, através de programas que já existiram há anos atrás e fazem muito sucesso. Dessa forma, recuperam tais textos de diversas formas a fim de criar sempre um mais moderno. Com isso, partiremos neste trabalho citando Barthes (1974) para quem

O texto redistribui a língua. Uma das vias dessa reconstrução é a de permutar textos, fragmentos de textos, que existiram ou existem ao redor do texto considerado, e, por fim, dentro dele mesmo; todo texto é um intertexto; outros textos estão presentes nele, em níveis variáveis, sob formas mais ou menos reconhecíveis (BARTHES, 1974, p. 46 *apud* KOCH 1997, p. 46).

Isso nos mostra que é um traço constitutivo de todo texto ser um objeto heterogêneo, isto é, ter a presença de outros textos na constituição de seus sentidos e, com isso, a sua compreensão sempre depende do conhecimento de outros textos existentes. Através dos postulados de Authier-Revuz (1990), vemos que essa heterogeneidade do texto se dá de forma mostrada ou não. Quando em um desses procedimentos há a presença explícita do outro(s) texto(s) na constituição de um determinado texto, temos a heterogeneidade mostrada; já a heterogeneidade constitutiva o outro está implícito. Assim, notamos que um texto sempre mantém relações intertextuais com outras produções textuais.

A partir dessas concepções, notamos que os meios de comunicação constroem sentidos utilizando-se de muitos outros textos. É comum vermos propagandas, quadros televisivos, entre outros que estabelecem seus sentidos baseados na heterogeneidade mostrada. Contudo, o

---

<sup>1</sup> Aluna do Programa de Pós-Graduação em Letras (Mestrado) da Universidade Estadual de Maringá (UEM).

que faz com que encontremos marcas de outros textos e a reconheçamos nas propagandas e quadros televisivos? Como identificar em um texto a presença explícita de outro(s) texto(s)? Qual efeito de sentido foi buscado com essa utilização?

Com o objetivo de mostrar esses mecanismos da linguagem, selecionamos um quadro televisivo de um programa humorístico da Rede TV que procura construir sentidos acerca de uma greve dos ladrões. Percebemos que esse determinado quadro do programa de televisão foi baseado em outro texto que é conhecido socialmente: as reportagens de jornalismo e as greves de trabalhadores sindicais que reivindicam algum direito. Além da relação intertextual, vemos a construção em forma de paródia das reportagens e das greves sérias, o que traz um tom cômico para o quadro. Para gerar riso é preciso que o telespectador reconheça o intertexto que ocorre no programa de televisão e perceba os deslocamentos e inversões propostos para a construção dos sentidos.

## 2. METODOLOGIA E MATERIAL

Para realizar este trabalho foi necessário formular questões para o direcionamento da análise. Dessa forma, ao assistir o quadro televisivo em questão, surgiram as seguintes inquietações:

- Como identificar em um texto a presença explícita de outro(s) texto(s)?
- Qual efeito de sentido é buscado com essa utilização?
- Qual o funcionamento do intertexto na produção de sentidos do quadro do programa de TV?
- Existe a presença de diferentes vozes constituindo os sentidos desse programa?
- Quais são essas diferentes vozes que constituem os sentidos?

A partir disso, é preciso apresentar o quadro televisivo para estudo. Antes, é preciso dizer que o contexto em que surge o vídeo é em um momento em que a polícia civil e a militar do estado de São Paulo entram em confronto e passam a viver uma guerra, deixando todo o policiamento do estado parado.



**Locutor:** O departamento de jornalismo do Programa Pânico na TV apurou algo ainda mais inacreditável e descobriu outro movimento reacionário que deixou a população estupefada: A greve dos ladrões! Munidos de faixas e outros apetrechos, meliantes de toda a cidade tomaram a Avenida Paulista de assalto para reivindicar seus direitos. Acompanhe agora imagens exclusivas da greve captadas pelas lentes investigativas do Pânico na TV.



**Ladrões** (*em tom de protesto, todos juntos, gritando*): Ô civil, cadê você, eu vim aqui, vem me prender!

**Ladrão de jaqueta verde** (*falando com tom de protesto*): Sem a polícia não vai haver espaço para todo bandido e aí, como é que a gente fica “prá” trabalhar? Cadê nossa condição de trabalho? Onde já se viu!

**Ladrões** (*gritando*): Bandidos unidos jamais serão detidos!



**Ladrão de capuz branco**: Já tá o “bagulho” em época de eleição, esse políticos aí é tudo ladrão, “mano”! Quer o quê? Agora vai vir o quê? Vai vir “gambé”, “cururu”, polícia competir com nós?

**Ladrões** (*gritando*): Lê, lê, lê, ô! Prende eu!

**Ladrão de camisa branca e óculos escuros**: Caminha “veio”, caminha que é a gente que quer brigar com vocês, não é polícia com polícia não. A treta agora é polícia com bandido!



**Ladrão de capuz preto**: Tá tirando nosso “trampo”, tá ligado “mano”! É o seguinte, que você tá filmando aí? Vai filmar os polícias, deixa nós aqui na nossa greve honesta!

**Ladrões** (*gritando*): Timão ê, ô!

**Repórter (entrevistando a população):** O que a senhora acha dessa paralisação? Agora os ladrões falaram que não vão assaltar?



**Senhora de blusa laranja:** Verdade mesmo! É, eu não fui assaltada ainda, graças a Deus! Eu moro aqui e vou até para o lado da Brigadeiro. Isso para mim era um perigo. Hoje, eu com a minha idade, “tô” indo sossegada, porque eu sei que os ladrões não estão na rua!

**Repórter:** O que o senhor tá achando da greve dos ladrões?

**Homem engratado:** Ah! Eu acho um absurdo, né! Eu acabei de sair agora do trabalho, já estou há 40 minutos aqui na Paulista, estou com meu relógio, com meu celular e ainda não fui roubado.

**Homem de camisa vermelha (provável turista):** É um absurdo, pô! A gente vem do Rio aqui para conhecer os ladrões de São Paulo e não tem nada!

**Locutor:** Reparem como os agentes de transporte de valores descem tranquilamente dos carros blindados carregando volumosas quantias em dinheiro. Algo unimaginável se não fosse pela paralisação total da categoria, devido à greve dos ladrões.

**Ladrões (gritando):** Aqui tem um bando de loucos, loucos por ti Corinthians!!!

**Locutor:** E os efeitos da greve dos ladrões já afeta substancialmente diversos setores da economia.

**Empresário entrevistado:** Olha, eu estou muito preocupado com essa greve dos ladrões. Realmente eu sou um empresário do ramo da segurança privada e o meu faturamento caiu em aproximadamente 30 a 40%. Eu faço um apelo aqui: ladrões, por favor, acabem com essa greve. Eu estou dispensando o pessoal e realmente eles precisam voltar à ativa.





**Senhora de óculos entrevistada:** Meu irmão era segurança particular e com toda essa bagunça, ele ficou desempregado. Eu acho que os ladrões devem voltar à profissão deles que é roubar.

**Repórter:** O que a senhora achou da greve dos ladrões?

**Mulher dentro do carro:** Ah! Eu achei um absurdo, porque agora, tu vê, eu blindei meu carro à toa, né? Não tem mais razão de ser blindar o carro.

**Locutor:** Sim, boquiaberto telespectador? A greve dos ladrões parece algo surreal, tão ou mais surreal quanto o conflito armado entre as polícias de São Paulo. Algo está fora da ordem...

Assim, com o objetivo de responder o questionamento para o estudo, realizamos leituras em busca de conceitos que abarcassem a análise. Utilizaremos os conceitos de dialogismo e polifonia apresentados por Bakhtin (2002, 1990), intertextualidade desenvolvido por Koch (1997), Koch e Travaglia (1989), Maingueneau (1997), Fiorin (2003), Romualdo (2000) e paródia na concepção de Sant'Anna (2002) e Fávero (2003).

Com isso, fizemos um breve percurso para chegar até a paródia. Começamos em Bakhtin (1990) para quem a linguagem é constituída pela interação verbal, sendo um fenômeno social que se constitui por meio das relações dialógicas manifestadas no momento da enunciação. É a partir dessa conclusão que o autor desenvolve o conceito de dialogismo: um processo de interação entre textos/discursos, que não é visto de forma isolada, mas correlacionados com outros textos/discursos.

Além disso, Bakhtin (2002) propõe o conceito de polifonia através da análise dos procedimentos de criação da linguagem em *Problemáticas da Poética de Dostoiévski*. Nesse estudo sobre polifonia reconhece-se que os enunciados carregam consigo diferentes vozes oriundas de diferentes falantes e contextos. Ainda nessa obra, Bakhtin distingue a noção de monólogo com a idéia de diálogo a partir do conceito de polifonia em que duas ou mais vozes são proferidas. Assim vemos que, segundo Bakhtin:

Na realidade, toda palavra comporta duas faces. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige para alguém. Ela constitui justamente o produto da interação do locutor e do ouvinte. Toda palavra serve de expressão de um em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade. (...) A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor (BAKHTIN, 1990, p. 113).

Com isso, dentro dessa concepção dialógica da linguagem, podemos encontrar o conceito de Intertextualidade. Essa noção se torna essencial para o estudo em questão, já que há uma relação intertextual entre o quadro televisivo e as reivindicações em torno de uma greve que os jornais noticiam.

A respeito do mesmo conceito Koch (1997), ao citar Barthes (1974), afirma que “o texto é um intertexto, sendo que outros textos se fazem presentes nele” e, dessa forma, a autora conclui que “todo texto é um objeto heterogêneo” (p. 46). Travaglia e Koch ao tratar da intertextualidade revelam que

A intertextualidade compreende as diversas maneiras pelas quais a produção e recepção de dado texto depende do conhecimento de outros textos, por parte dos interlocutores, isto é, diz respeito aos fatores que tornam a utilização de um texto dependente de um ou mais previamente existentes (KOCH; TRAVAGLIA, 1989, p. 88).

Koch (1989), ao trabalhar o conceito de intertextualidade, propõe que esse conceito inclua fatores relativos a conteúdo, fatores formais e fatores ligados a tipos textuais. Segundo a autora, os fatores ligados a conteúdos são aqueles que envolvem a questão do conhecimento de mundo, ou seja, o entendimento de determinado texto depende do conhecimento de outros. Em relação à intertextualidade de caráter formal, que pode ou não estar ligada à tipologia textual, são utilizados estilos de determinados textos consagrados para construir sentidos, através da forma, para que o leitor perceba a significação pretendida pelo produtor. Quanto à intertextualidade por fatores tipológicos, ela pode se dever tanto à estrutura (que caracteriza cada tipo de texto) ou a aspectos formais de caráter lingüístico próprios de cada tipo de texto. É importante a noção de superestrutura, quando nos referimos à estrutura de cada tipo de texto. Garrafa (1987 apud KOCH; TRAVAGLIA, 1989, p. 92) define superestrutura como

estruturas globais características de certos tipos de discurso, esquemas discursivos provenientes de um aprendizado intuitivo ou sistematicamente dirigido, conhecimentos convencionais relativos a tipos de discurso, envolvendo, além de uma seqüência esquemática, características da linguagem, de recursos retóricos ou estilísticos etc.

Com isso, vemos que as superestruturas têm muito a ver com intertextualidade tipológica, sendo apreendida na prática dos indivíduos como receptores de textos, além de que a superestrutura de textos é importante para a coerência, pois um texto precisa apresentar um confronto, ou seja, um texto precisa apresentar um lado de entendimento e outro que confronte sistemas de crenças e valores diferentes. Só assim, será possível os receptores não apresentarem dificuldade de entender o que se passa num texto que se apresenta como discussão e, com isso, estabelecer a coerência textual.

Segundo Fiorin (2003, p. 30) “a intertextualidade é o processo de incorporação de um texto em outro, seja para reproduzir o sentido incorporado, seja para transformá-lo”. Já Koch (1997) propõe o fenômeno intertextual a partir de duas perspectivas: intertextualidade em sentido amplo em que um texto sempre retoma outros textos, além de ser elemento necessário para a existência do próprio discurso; intertextualidade em sentido restrito que é a relação que um texto mantém com outro efetivamente produzido.

Com relação à intertextualidade mostrada, Maingueneau (1997) nos diz que a heterogeneidade mostrada incide sobre as manifestações explícitas, recuperáveis a partir de uma diversidade de fontes de enunciação. Romualdo (2000) nos dá a contribuição dos estudos de Jenny (1979) em que a intertextualidade está “explicitamente presente ao nível do conteúdo e da forma da obra” que é o que ocorre com textos que deixam transparecer a sua relação com outros textos, como, por exemplo, a paródia. Notamos, com isso, que a intertextualidade da obra é dupla, pois uma obra parodística mantém relações

simultaneamente com “a obra que caricatura e com todas as obras parodísticas constitutivas do seu gênero” (Jenny, 1979, p. 6 *apud* Romualdo 2000, p.61).

Assim, como a paródia é um efeito de intertextualidade, será ela que norteará nossos estudos, servindo como base os modelos propostos por Sant’Anna (2002) para quem a paródia é um efeito da linguagem. Para o autor, a paródia vem se tornando cada vez mais presente nas produções atuais, denunciando que a “arte contemporânea se compraz num exercício de linguagem onde a linguagem se dobra sobre si mesma num jogo de espelhos” (Sant’Anna, 2002, p. 7).

Na concepção desse autor, a paródia pode ser de textos alheios (intertextualidade) e do próprio texto (intratextualidade). Ainda, para o mesmo autor, “falar de paródia é falar de intertextualidade das diferenças”, pois a paródia coloca “as coisas fora de seu lugar certo” (Sant’Anna, 2002, p. 29). Dessa forma, na paródia vemos o ambíguo, o duplo figurando na construção dos sentidos. Ela funciona como um quadro invertido ou uma lente que aumenta e exagera os detalhes.

De acordo com Bakhtin (1970 *apud* Fávero, 2003, p.53) na paródia “o discurso se converte em palco de luta entre duas vozes”, mostrando que não é possível fundir as vozes que se encontram na paródia, pois essas vozes se colocam de modo distinto. A paródia não é apenas a repetição de um texto original, ela se comporta como um eco deformado e as palavras do Outro se revestem de algo novo, o que as torna bivocais (Lauriti, 1990 *apud* Fávero, 2003).

Sant’Anna (2002), ao realizar o estudo sobre a paródia, propõe três modelos teóricos de análise. No primeiro modelo vemos que a paródia, por estar mais distante do texto original, seria algo parecido com uma estilização negativa, podendo ser nomeada de contra-estilo do texto original. Ainda podemos ver o conceito de paráfrase, no qual o texto original estaria mais próximo, produzindo um efeito de pró-estilo. O desvio que o texto original sofre pode não provocar mudanças, sendo um processo de pró-estilização, como também pode provocar mudanças, sendo considerado um processo de contra-estilização.

O segundo modelo envolve as noções de paráfrase, estilização e paródia. Nesse caso, em relação ao texto original, têm-se níveis de desvio: a paráfrase seria o desvio mínimo, a estilização o desvio tolerável e a paródia o desvio máximo. Já no terceiro modelo está inserida a noção de apropriação, que juntamente com a paródia, faz parte do conjunto das diferenças.

## 2. DISCUSSÃO DO MATERIAL E RESULTADOS

Após os conceitos que serão utilizados na análise serem apresentados, avaliamos já estarmos suscetíveis para realizarmos algumas discussões sobre a cena de greve proposta pelo quadro televisivo. As cenas do quadro como um todo trazem protestos e reivindicações. É importante, ao realizar esta análise, apresentar uma greve como base, para observarmos o tipo de intertextualidade e a paródia que foi realizada. Para este trabalho escolhemos a greve dos vigilantes que ocorreu em 02 de fevereiro de 2009 em Curitiba (PR), pois não foi possível encontrar um outro vídeo que apresentasse a regularidade das características que foram encontradas no programa Pânico na TV e na mesma época que o mesmo programa veiculou o vídeo em estudo. Nesse ocorrido, vigilantes da segurança patronal e de carros fortes realizaram a greve e passeatas contra a última proposta de reajuste salarial feita pelo Sindicato das Empresas de Segurança Privada do Estado do Paraná. As reivindicações foram feitas na Praça Santos Andrade, no centro da capital, e chamou muito a atenção já que afetou o atendimento ao público nos bancos em todo o Paraná. Mesmo a greve não sendo dos bancários, o trabalho nos bancos foi prejudicado, pois sem uma segurança mínima de dois vigias, as agências não podiam funcionar. Até mesmo o auto-atendimento foi afetado pela

greve. Como não havia vigilância para o abastecimento dos caixas eletrônicos, depois de um dia já faltava cédulas nas máquinas. Com isso, os jornais regionais começaram a noticiar o acontecimento, mostrando imagens da greve, do local, colhendo entrevista dos manifestantes e da população, de como isso afetou a sociedade, além das reivindicações dos funcionários. Como tivemos acesso ao vídeo em questão, realizamos recortes de algumas cenas que revelam as principais ações e discursos que aparecem em greves. Para mostrar esses momentos, congelamos algumas imagens a fim de mostrar as ações que ocorrem nessa greve. Colocamos, ainda, algumas informações que mostram o que foi feito pelos vigilantes, pelos repórteres e pela população:



Nas imagens acima, temos o início da reportagem. A repórter Denise Soares noticiará a greve dos vigilantes, dando informações de como está a greve, a opinião da população, a reação dos vigilantes nesse momento e o que eles almejam.





Nas últimas imagens temos os vigilantes, em tom de protesto, reunidos em passeata, faixas com dizeres de greve, repetição de jargões (palavras) como direitos, categoria trabalhista, condições de trabalho e a construção de uma cenografia característica: gestos de protesto, ou seja, as mãos erguidas, posição de indignação e a presença dos apitos como objeto de manifestação. Vemos ainda um vigilante dando entrevista e um integrante da Federação dos Vigilantes do Paraná explicando o motivo da greve e provavelmente líder do protesto, pois o vemos em algumas imagens com o microfone na mão conduzindo os manifestantes. Temos também a entrevista de uma cozinheira dando a sua opinião a respeito da paralisação dos vigilantes, além de dar apoio à greve.

Como vimos, há a presença de todos os elementos que compõe reivindicações de uma greve como passeatas, faixas, gestos (mãos erguidas, posição corporal) e falas que caracterizam a situação. Da mesma forma, o quadro do Programa Pânico na TV caracterizou seus personagens, suas falas, o fato da blindagem de carro nas cidades do Rio de Janeiro e São

Paulo mostram a intertextualidade de forma e também de conteúdo. A imagem e o texto criado pelo quadro televisivo visam representar a estrutura das greves e suas falas seguem as mesmas atitudes de quem reivindica, além de recuperar a estrutura da notícia, pois vemos a construção de um modelo de jornalismo no programa Pânico na TV para o *corpus* em estudo. Ao retomar as expressões típicas de quem manifesta e inseri-las num quadro humorístico os efeitos de sentido são outros, invertendo os sentidos mais comuns. É preciso que o interlocutor recupere na memória as formas e discursos das greves e das reportagens de jornalismo para compreender o que está sendo pretendido, tornando as retomadas justificáveis para o conceito de intertextualidade de forma e conteúdo. Romualdo (2000, p. 61) ao citar Koch (1991) diz que “os casos de intertextualidade de forma e conteúdo acontecem quando um autor de um texto imita ou parodia outro, detendo-se não só no aspecto significativo, como também na busca de um efeito estilístico ou formal”.

Segundo Koch (1997) baseada em Sant’Anna (2002) podemos aplicar o conceito de intertextualidade das diferenças, ou seja, quando o texto incorpora o intertexto numa perspectiva contrária para ridicularizá-lo, subverter o seu sentido. O quadro televisivo subverte o sentido das greves, e usa isso para ridicularizar os policiais. Há a presença também da intertextualidade implícita, pois é preciso que o interlocutor recupere na memória textos sobre greve e jornalismo para construir sentidos e compreender o que está sendo transmitido, já que não ocorre a citação expressa da fonte. Além dos intertextos mostrados, podemos relacionar os elementos usados para tipificar os personagens também como uma relação intertextual, pois o próprio programa Pânico na TV caracteriza os ladrões através das falas dos meliantes em “Timão ê, ô!” e “Aqui tem um bando de loucos, loucos por ti Corinthians”, isto é, a torcida do Corinthians é a segunda maior do Brasil, perdendo apenas para a torcida do Flamengo e, ainda mais, os torcedores do Corinthians possuem a fama de bandidos, ladrões e violentos. Assim, explica-se o fato da relação intertextual no grito dos ladrões ao dizer o nome do time do Corinthians.

É importante, neste momento, elencar as características de uma greve. Com esse objetivo, procuramos identificar a forma e o conteúdo de uma greve no vídeo sobre a greve dos vigilantes em Curitiba (PR). Observamos que há a presença de faixas com dizeres de protestos; braços erguidos em sinal de revolta; falas revoltadas; todos os vigilantes caminhando com um mesmo objetivo, com dizeres de greve, todos em um mesmo tom, compassado e sério; usam o apito como objeto para chamar a atenção e como objeto da manifestação; algumas pessoas sendo porta-voz dos itens que estão sendo reivindicados, com tom de indignação; os jornais noticiando o fato e dando a voz aos manifestantes para que expressem sua opinião; a fala de pessoas entrevistadas na rua também dando a sua opinião de como uma greve afeta a sociedade; etc.

Assim, vemos nitidamente que o conteúdo veiculado nesse protesto são dizeres que remetem a frases que pertencem ao ambiente de greve como, por exemplo, direitos trabalhistas, melhores condições de trabalho e o desejo de conseguir alguma melhoria no salário. Com isso, notamos que o intertexto de greve é retomado no quadro televisivo em estudo, pois vemos que a forma e o conteúdo são semelhantes a greves comuns. No entanto, mantém a forma e subverte o sentido, o que nos leva a comprovar a presença da intertextualidade das diferenças. A greve, ao ser inserida em um programa humorístico, desvirtua o sentido comum e traz outros efeitos de sentido.

As marcas verbais e imagéticas como as frases, gestos, faixas, atitudes, objetos, encontradas nos dois textos nos mostram a relação dialógica estabelecida entre eles, em que há um processo de interação entre textos/ discursos que não são vistos de maneira isolada e sim correlacionados com outros textos/ discursos, ou seja, as greves sérias. A identificação e a retomada das greves só é possível através dos elementos e discursos postos em cena, pois

todos os elementos elencados anteriormente no levam a essa conclusão, como é o caso do quadro do programa Pânico na TV, no qual os personagens são tipificados, já que não vemos greves sendo feita por pessoas com vestes formais, falando baixo, paciente e com extrema educação. O que nos leva ao riso é justamente essa inversão que é feita das greves no quadro do programa: os ladrões são considerados um setor da economia, também querem melhores condições de trabalho, se consideram uma categoria trabalhista e por isso querem ter direitos como qualquer outro trabalhador, além de toda a construção de uma cenografia característica como a reportagem para mostrar o processo intertextual que está sendo realizado.

É possível fazer uma leitura polifônica que revela duas vozes construindo sentido: a voz séria da greve dos vigilantes e uma voz cômica, isto é, a posição assumida pelos ladrões e os seus objetivos. Segundo Bakhtin (1981 *apud* Sant'Anna 2002) não há como fundir essas vozes, pois são antagônicas, provindas de lugares diferentes. Lauriti (1990 *apud* Fávero 2003) nos diz que as palavras do Outro se revestem de algo novo, o que as torna bivocais, não sendo uma mera repetição, mas um eco deformado.

Sant'Anna (2002) concebe a paródia como um espelho invertido e percebemos que ao relacionar os dois vídeos ocorre o funcionamento desse conceito, pois as greves são sérias, os dizeres das faixas e dos manifestantes também são sérios, além de que todo protesto reivindica coisas sérias. Já no quadro televisivo do programa Pânico na TV o sentido é totalmente subvertido e isso gera o cômico. Nesse quadro os dizeres das faixas e dos manifestantes apresentam graves erros na escrita e na fala, os ladrões reivindicam que querem ser presos, já que se a polícia entrar em greve, não haverá "trabalho" para todos os ladrões e, ainda, as pessoas entrevistadas não estão acostumadas a andar na rua sem serem assaltadas, por isso os ladrões precisam voltar a trabalhar.

Seguindo os modelos de análise propostos por Sant'Anna (2002), vemos que nossa análise se encaixa no primeiro modelo em que ocorre um processo de contra-estilização, porque o quadro televisivo se distancia do texto original, ocorrendo mudanças significantes, subvertendo os sentidos e gerando o cômico. O quadro televisivo inverte as cenas de greve cristalizadas em nossa sociedade. Como revela o autor, o duplo, o ambíguo figura na constituição dos sentidos, exagerando nos detalhes. O desvio do texto original gera uma contra-estilização chegando à paródia, não só da greve em questão, mas também da notícia em que a estrutura do jornalismo é recuperada para gerar o riso.

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através das análises notamos que houve a intertextualidade com as greves trabalhistas. No entanto, não houve apenas uma retomada, uma repetição das greves sérias. Foi importante utilizar a paródia, segundo o que diz Sant'Anna (2002) quando confirma que a linguagem se dobra sobre si mesma num jogo de espelhos. Vimos a ocorrência da intertextualidade da diferença em que o ambíguo, o duplo figurou no quadro televisivo do programa Pânico na TV. Para gerar riso de protestos sérios, foi necessária uma estilização negativa, o deslocamento do texto original provocou a subversão dos sentidos. Esse estudo em questão afirma o que diz Koch (1997): todo texto é um objeto heterogêneo, e que o sentido depende do conhecimento que o indivíduo tem de outros textos. Vale ressaltar a importância do conceito de intertextualidade tipológica, pois esse texto da análise, para que fosse bem compreendido e visto como coerente, suas características se aproximavam as da notícia, ou seja, houve a ocorrência de um modelo de jornalismo, a estrutura da reportagem foi totalmente recuperada.

Nesse trabalho foi possível perceber o caráter dialógico da língua: um fenômeno social constituído por relações dialógicas manifestadas na enunciação. Vimos, também, o caráter

polifônico do quadro televisivo, a ocorrência de várias vozes sendo recuperadas para construir sentidos. Para gerar humor foi preciso inverter os sentidos, os elementos da greve foram subvertidos, pois os ladrões foram enaltecidos, considerados como um setor da economia, uma categoria de trabalho que têm direitos e clamam por melhores condições de trabalho como qualquer outra classe sindical.

## REFERÊNCIAS

- AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidades Enunciativas. In: *Cadernos Linguísticos*. N.19. UNICAMP. Campinas, 1990.
- BAKHTIN, M. (VOLOCHINOV). *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1990.
- BAKHTIN, M. (VOLOCHINOV). *Problemas da poética de Dostoiévski*. 3 ed. São Paulo: Forense Universitária, 2002.
- FÁVERO, L.L. Paródia e Dialogismo. In: *Dialogismo, Polifonia, Intertextualidade: Em torno de Bakhtin*. BARROS, D.L.P. & FIORIN, J.L. (Orgs.). 2 ed. São Paulo: Edusp, 2003.
- FIORIN, J.L. Polifonia textual e discursiva. In: *Dialogismo, Polifonia, Intertextualidade: Em torno de Bakhtin*. BARROS, D.L.P. & FIORIN, J.L. (Orgs.). 2 ed. São Paulo: Edusp, 2003.
- Greve dos Ladrões do Programa Pânico na TV*. In:  
<[http://www.youtube.com/watch?v=YR6\\_m\\_0B310](http://www.youtube.com/watch?v=YR6_m_0B310)> - Acesso em 13/11/2009.
- Greve dos Vigilantes em Curitiba (PR)*. In:  
<<http://www.youtube.com/watch?v=IYGC7bw6OkQ>> - Acesso em 13/11/2009.
- KOCH, I.V. *O texto e a construção dos sentidos*. São Paulo: Contexto, 1997.
- KOCH, I.V.; TRAVAGLIA, L.C. *Texto e Coerência*. São Paulo: Cortez, 1989.
- MAINGUENEAU, D. *Novas tendências em análise do discurso*. 3 ed. Campinas, SP: Pontes: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1997.
- ROMUALDO, E.C. *Charge jornalística: intertextualidade e polifonia: um estudo de charges da Folha de São Paulo*. Maringá: Eduem, 2000.
- SANT'ANNA, A.R. *Paródia, Paráfrase & Cia*. São Paulo: Ática, 2002.